

A FOME QUE ME FEZ GAVIÃO | Willian Jhonis Antunes Melo

Agora, exatamente às 1h20min, na dita “calada da noite”, quando muitos e muitas repousam e tantos trabalham, quase como faço durante toda a semana, em dias de chuva ou sol, mas aqui pelas noites, às vezes frias e imensas, gastas pelo foco em ganhar o suficiente para a carne, o arroz e o feijão que sustentam, outros, atrás de uma libertina e breve felicidade, mexem e remexem seus corpos, sóbrios ou demasiadamente alcoólicos, aproveitando a transição de uma sexta-feira de labuta para uma noite que, nesse contexto, se faz pequena feito criança, abrindo caminho para um sábado finalmente livre, ou de meio período trabalhado, ou ainda de mais trabalhos domésticos, pessoais e íntimos.

E, entre esses distintos ou paralelos movimentos, avistam e sonham outra oportunidade de respirar espaços vibrantes ou plácidos, esses que desobedecem à obediência que algo ou alguém impôs no nascimento, por nascer no lugar errado, no tempo errado, com o sobrenome, talvez, impróprio, mesmo grafado com iniciais maiúsculas, substantivos próprios.

Essa alforria difícil, essa liberdade miúda, cara demais para durar, feita de breves goles e rápidas mordidas que deglutem um mínimo ócio, saciando a fome de fugir do pessimismo do impossível, esse ceticismo que nós, mortais proletários, sabemos ser sina até o fim da luta, da vida ou dessa forma de vida, quando observada in vitro, quase cientificamente, sem microscópios, apenas pelos sentidos, simplesmente se sente.

Sente-se! Sente-se, exclamo esse verbo transitivo direto, conjugando o sentir, mas convido você que me lê a também interpretá-lo como imperativo afirmativo: pare e atente-se, talvez entenda logo o que venho enrolando até aqui para dizer.

Enrolo porque o que venho bradar, por palavras digitadas nessa noite que de calada não tem nada, é denúncia grande, quase nacionalista, forte e retumbante, de um hino que não se canta em momentos cívicos, mas em momentos vividos por nós, alguns vários brasileiros e brasileiras. Uma denúncia que nasce de uma vida, não qualquer uma, a que move minha carne, mas que, por infeliz indução, também atravessa outras carnes, outros corpos de açougues existenciais, baratos e sempre à beira da putrefação.

Os mais atentos e as mais atentas já percebem algum delineamento do desenho que tento esboçar, sem lápis, giz ou carvão, usando apenas palavras. Uma realidade que quero descrever, criticar e poetizar, poesia que, desta vez, não busca indicar beleza textual ou aclamada apreciação, mas se vale do gênero literário como sentimento palatável, mesmo que quase repulsivo por sua substância literal ou semântica.

E aqui faço sem pressa, porque foi tão lentamente esquecida que exige cautela respeitosa para reavivá-la. Memória de infância sabida no inconsciente, sentida pelas cicatrizes do intestino, reforçada por narrativas maternas e rememorações que, na ótica adulta, ganham sentido de conjunto, unidades que, quando reunidas, somam um universo, este de existência, esse de desventuras de sobrevivência, através e a partir de uma ânsia, não de vômito, quase diria, mas apenas de vida, que insiste em seguir de pé.

Universo de uma recordação que só renasce devagar, como águas pré-históricas correndo em leitos longínquos, que exigiriam o esforço de um peixe destemido da piracema amazônica para voltar, mesmo que

esse desenho não tenha nascido na Amazônia Legal, minha morada nortista, mas sim no interior do Sudeste, Espírito Santo, nada divino, mas quase uma terra sacra, que canoniza os que dela brotaram e cresceram.

Se sou feito de recortes, costurados com linhas invisíveis, todos eles, até então, se fizeram em interiores, em margens, nos diferentes cardeais que situam as extensões territoriais deste país, em diferentes vivências desorientadas.

Sem mais delongas, ainda que elas retornem pelo teor deste conteúdo, pego a ponta do fio da minha memória e tento desamarrar essa corda que segue me sustentando acima de espinhos, pedras lascadas, facas, essas metáforas que partem do natural remoto da humanidade ao neolítico, da natureza à tecnologia da sobrevivência, ferro com o qual se forjam ferramentas de luta.

Transiciono, tensiono, passo do movimento da digitação aos remotos períodos da raça humana. O desenho que faço, nesses riscos iniciais, é também isso: alguém que olha o próprio passado e percebe transições e analogias tão significativas quanto as que referencio.

Realidades tão nativas quanto a Amazônia, a botânica que floresce ao meu redor enquanto escrevo, ainda que eu não escreva sobre esta época e espaço situados, parecem fazer mais sentido do que um dizer lacônico. Adiciono, ainda, nesta gama de referências e paralelismos comparativos, a fauna nativa, feroz e brava, pois essa sim habita o centro desta proposta de relato desnudo, ou vestido por longos devaneios e rodeios.

Neste devaneio inicial, quase como conversa com autoridades que geram receio e medo de não ser entendido, as palavras que tento

empregar para subsidiar esta narrativa quase produzem o contrário. Nisso tudo, munido da cultura que cresce socialmente com meu ser, pessoal e social, uma música impregna meu itinerário oral, ouvida agora mesmo: “Como beber dessa bebida amarga?”, “Melhor seria ser filho da outra, outra realidade menos morta”.

Por bebida amarga, falo do conteúdo incipiente que preenche o recipiente esculpido por minha realidade, que hoje é menos morta apenas graças ao renascer de algo, algo indefinido gramaticalmente, porque, visto de longe, pensar no dentro já habitado resulta em extensiva alegria de saída, mas também indignação: “Como possível?”, “Quando passou?”.

Muitas respostas estão em outros textos que talvez eu ainda escreva, sólidos e barulhentos nas ideias, tortuosos na forma que deforma, esperando para nascer, ou criar forma, para fora da mente, em madrugadas, dias claros, tempestades, ônibus e corredores, solitário ou entre o caos de pessoas que vêm e vão a algum lugar certo pelas incertezas que compõem o bando retirante das camadas sociais, dos lençóis que são postos nas camas que não se fazem descanso, mas leito de vida, de recuperação, de pausa, recargas forçadas para um novo levantar, seguido por novas caminhadas.

Esse dentro, já visto e vivido, ainda é vivo, porque a vida buscou crescer e expandir-se a partir dele, como caule frágil que se tornou espesso, tronco que ainda está de pé. E, crescido por força talvez sobre-humana, humanamente herdada pela maternidade solitária, ou melhor, pouco assistida pelo ar paternal, fortaleceu-se e saiu de um doloroso dentro existencial.

Hoje, esse dentro é memória de luta e sobrevivência, como gaviões que voam acima da terra, sob a luz do sol pleno e perto das nuvens.

Seríamos nós gaviões? Se adoto Hipócrates, que diz que somos o que comemos, e alinho uma literalidade ao conceito, talvez sejamos. Sejam muitos ou talvez poucos.

Seja como for, conheço três que se imbricam a esta narrativa: duas meninas e um menino que compartilham genes, sobrenome e o mesmo pó vermelho e árido que já sujou os calcanhares, que já foram gaviões e talvez ainda sejam.

Pensando no presente, ser gavião, figurado, representa força, percepção aguçada, coragem, proteção, liderança e liberdade, pois hoje, crescidos e na vida adulta, conquistam esferas, espaços de sobrevivências simbólicas e materiais.

No passado, ah, o passado, esse crítico momento dos pobres pequeninos, somos o que literalmente comemos: um gavião, pois foi o que encheu uma panela aquecida à lenha, a escolha dentro de uma finita restrição. Exótica carne, uma única opção em um recorte específico da vida, felizmente finalizada em uma única ocorrência, mas, se o destino, azarado e impiedoso, fosse ainda mais sádico, poderia ter sido recorrente e, inocentes, sem sentir o preço ou o peso dessa realidade, apenas gratidão existiria, incoerente, criticável, infeliz, mas ainda assim agradecida diante da obrigação de crescer, de rasgar alimento para sustento, mesmo que longe do suficiente para a nutrição.

Benditas, então, as frutas nativas e domésticas, crescidas ao redor do barraco, que, em ânsias por mastigadas suculentas, goiabas, bananas, jambos, jamelões, jacas, mangas e jenipapos, substituíram ossadas

baratas e carnes perigosas, oleosas e temperadas com ervas da terra, colhidas no fundo do terreiro, que saciavam a curiosa fome infantil e lambuzavam lábios receosos, porém carentes.

Belas as criaturas que puderam se lambuzar de seguranças alimentares, de faunas e floras conhecidas por quem não precisou conhecer o preço incerto da vida alimentada pela caça, pela coleta, pelas roças.

Ossadas baratas, restos que ninguém paga, mesmo as de açougues sanitizados e certificados, ainda são caras demais para os das pontas, dos interiores, do mato, das margens. E, por isso, a segunda opção diante do gavião, que já disse aqui, é a denúncia de um real passado que, bem passado, foi digerido, inocente diante da indecente sina.

Este é o desenho que fiz: de memórias, do que foi contado, do que foi concebido, o quadro cru, ou cozido, de um sobrevivente, de uma ossada também barata e selvagem, que, com os anos que se somam à vida, se tornou mais cara e domesticada, eternamente marcada, sem romances, sem martírios, apenas com consciência confluyente e orgulhosa, não com soberba, mas com a percepção do passado, da força adquirida, e de novas ossadas que agora, caudalosas, suculentas, bem temperadas por boas especiarias, não originadas do mato barato ou do que a natureza oferta, silenciosa, como consolo aos que dela nasceram, mas do que a dignidade do trabalho finalmente pode pagar, escolher, a gastronomia de um brasileiro vivo e insurgente.

Volto ao meu cenário presente de escrita e acendo a luz, quebro esta penumbra textual dizendo que nada há de bom, nesta calada da noite, em gritar dietas depenadas e ensanguentadas que nutriram sob incerteza de

fim, de fome, de vida. Mas, por ser memória remota, não faz mal lembrar, ainda mais se lembrar faz pensar, e pensar faz apreciar o banquete de hoje, que enche vida e barriga. Ainda não farto, talvez nunca, mas, de longe, melhor que o barato de antes, quando não havia escolha, ou apenas poucas frações.

O gavião que voou e caiu por um estalo de espingarda, para cumprir uma função que idealmente não lhe caberia, enchendo uma panela suja de carvão, é a memória. E essa memória nos deforma, como gaviões residuais de uma exótica dieta do interior do interior, que agora expande corpo, voz, ser destemido, convicto, não invicto, potente pelo que já viu, ouviu e sentiu.

E é justamente dessa memória, dessa panela aquecida à lenha, dessas frutas que salvavam dias inteiros, desse pó vermelho e capixaba, colado nos calcanhares, que se ergue o sujeito que sou hoje, professor, pesquisador, sobrevivente.

A fome que nos fez gavião não ficou presa ao passado, acompanha-me quando entro em sala de aula e encontro estudantes que, muitas vezes, carregam no olhar o mesmo vazio que um dia me acompanhou. A fome que me fez gavião também me fez professor.

Não porque romantizo a miséria, mas porque aprendi, no osso, o que significa não ter escolha, ou ter poucas escolhas representadas por insuficiências equivalentes.

Hoje, quando entro em sala de aula, carrego essa memória como lente. Quando vejo um caderno em branco, suspeito de uma barriga vazia. Quando ouço um tumulto, imagino um quarto apertado, um barraco

lotado, um trabalho infantil silencioso, isso é o que vezes ou outras antepõe a difícil “indisciplina” de algumas salas de aula.

Por trás de um olhar disperso, pode haver o peso de saber que não há o que comer mais tarde, uma perspectiva poluída de um futuro incerto, moroso e distante.

Se hoje consigo olhar o banquete atual com gratidão crítica, sabendo que, se como melhor, não é por merecimento isolado, mas por sobrevivência, também consigo afirmar, em voz firme, que essa história não é troféu individual, é sintoma coletivo. Sintoma de um país que ainda permite que crianças comam gavião, literal ou metaforicamente, enquanto outras escolhem cortes nobres em prateleiras refrigeradas de açougues sanitizados e certificados, o que simboliza o privilégio de quem nunca precisou negociar ossadas baratas.

Por isso escrevo, por isso ensino, por isso insisto. Porque a mesma noite em que denuncio a dieta depenada do passado é a noite em que preparo, em silêncio, as aulas de um amanhã. Aulas em que a matemática, às vezes, serve de verniz para algo maior: a tentativa de dizer aos meus, às minhas, que ninguém nasceu para se contentar com ossos baratos, que a fome que nos fez gavião pode, também, nos fazer voar mais alto do que o destino nos prometeu.

É a partir dessa memória, dessa carne improvável e dessas ossadas baratas, que me penso hoje, professor, pesquisador, sujeito que escreve e se escreve.

Nasci em um lugar onde o horizonte parecia terminar em cercas, lavouras e poeira vermelha. O mundo, por muito tempo, se resumia ao que

eu via do terreiro de casa e às histórias que minha mãe contava entre uma panela e outra, entre um faxinão e um silêncio pesado.

Era o interior do Espírito Santo, um recorte do Brasil que raramente aparece nos mapas afetivos do país, mas que insiste em produzir gente que resiste calada, comendo o que dá, trabalhando onde deixam, sonhando quando sobra tempo.

Ali, a infância não era categoria abstrata, era barriga roncando, pé rachado, roupa herdada e uma certa alegria teimosa de quem inventa brincadeira com pouco. O corpo aprendia cedo a geografia da escassez, a medir distâncias entre o mercado e o fim do dinheiro, entre a lata de banha e o fim do mês, entre o que seria idealmente alimento e o que de fato podia ser colocado na panela, saído da cozinha que representava um laboratório de sobrevivência.

Foi nesse cenário que o gavião entrou na minha história. Lembro de fragmentos, mais do que de um filme contínuo. Uma fala solta, um comentário sussurrado, uma narrativa que se repetia em alguns almoços, como quem ri da própria tragédia para que ela não engula a casa inteira.

Faltou carne, faltou dinheiro, sobrou fome, essa é a matemática da vida, que também ousa tentar ensinar, mesmo que, nas equações ensinadas, as tristes variáveis que aqui apresento fiquem implícitas, para que meus aprendizes não sucumbam ao doloroso real vivido, que os preparo para enfrentar de pé, com lógica, na resolução de problemas mais reais que os desenhados nos livros escolares, conhecidos apenas pela dura didática da vida.

Em alguma dessas tardes de aperto, meu pai apareceu com um gavião abatido por um certo tiro, de uma refeição incerta, ou apenas

aceitou o que o destino bruto ofereceu, muito cansados de apenas abóboras como dieta, no café da manhã, almoço e jantar, fartas nos ramos, espalhados no fundo do quintal.

O fato é que o animal, que deveria estar sobrevoando lavouras, circulando alturas que eu só via com o pescoço esticado, caçando, não a caça, foi parar dentro de uma panela, temperado com o que havia, servido sobre um prato comum.

Naquele momento, eu não sabia que aquilo era grave. Criança, eu comia o que me davam, agradecia, mastigava, lambuzava os lábios. Anos depois, a cena volta com outra densidade, pois a criança sente a inocente fome e o adulto entende a injustiça.

Penso na frase de Hipócrates, penso nas teorias sobre classe social, penso nos gráficos da fome no Brasil, penso na indignação que hoje ensino em sala de aula, quando falo de desigualdade. Penso, sobretudo, que a carne de gavião, naquele dia, não foi apenas a proteína que sustentou, como deu, meu corpo, foi um traço substancial que nutriu minha identidade.

Se sou o que comi, então trago no corpo um pouco daquela ave. Trago o voo que ela não deu, o tiro que a derrubou, a negociação que a transformou em comida barata. Trago também a culpa que não era minha, a culpa de um país que empurra seus pobres a comerem o que seria impensável em outros bairros, outras famílias, outros sobrenomes.

Com o tempo, mudei de território. Saí daquele interior, atravessei estradas, retornei ao meu chão de nascimento, chão amazônico, à Rondônia, a outras margens.

Levei comigo a memória da panela de gavião, mas levei também o gosto das frutas que cresceram ao redor do barraco, quase como quem recolhe uma graça caída do céu. Essas frutas, mais do que o gavião, garantiram que o corpo não desandasse de vez. Foram elas que muitas vezes substituíram ossadas baratas, trouxeram doçura às tardes, deram alguma sensação de abundância no meio da falta.

Quando cheguei à escola, primeiro como estudante, depois como estagiário, depois como professor, percebi que aquela experiência de fome não tinha ficado para trás. Ela me acompanhava, silenciosa, quando eu via estudantes chegarem sem café, sem lanche, com o olhar vazio de quem está presente, mas não está.

Ela se manifestava quando eu esbarrava em merendas minguadas, em políticas frágeis, em discursos que culpabilizavam famílias inteiras por um cenário que é estrutural.

Ao narrar esse episódio da minha trajetória, não quero transformá-lo em troféu de superação. Não preciso de medalhas por ter comido gavião. Quero, sim, que ele seja compreendido como sintoma. Sintoma de uma sociedade que aceita que crianças comam aves de rapina para sobreviver, enquanto, reafirmo, outras escolhem cortes nobres em prateleiras refrigeradas.

Sintoma de um país que naturaliza que a periferia invente sua própria culinária de urgência, enquanto mantém intactos os privilégios de quem nunca precisou negociar ossadas baratas.

Hoje, quando me sento à mesa, seja em casa, seja em um restaurante, onde quer que seja, sei que a comida que tenho não é mera recompensa pessoal, nem prova de mérito individual. Ela é resultado de

um conjunto de lutas, de políticas falhas, de acasos e decisões. Ela também carrega a memória de todos os pratos que não tive.

Em cada garfada, há um diálogo silencioso com aquele menino que um dia comeu gavião sem saber o que isso significava e representava para o todo social, para além da minha incipiente bolha. Aqui, escrever é, de certo modo, devolver a ele alguma justiça.

É dizer, olhando para trás, que não foi normal, não foi aceitável, não foi “bonito”. Foi o que foi: fome. E é a partir dessa nomeação que posso, hoje, como pesquisador e professor, erguer uma postura política diante da minha realidade e da realidade dos meus estudantes.

Não posso impedir que o mundo lhes ofereça gaviões, metafóricos ou não, mas posso, ao menos, ajudar a nomear a violência, abrir fissuras no discurso do destino, insistir na ideia de que ninguém nasceu para se contentar com ossos baratos.

A fome que me fez gavião marcou minha carne, minha visão de mundo e minha docência. Ela não me define por completo, mas explica muitas das escolhas que fiz: estudar, ensinar, pesquisar, escrever, denunciar.

Talvez eu nunca alcance um banquete farto, definitivo e tranquilo. Talvez essa sensação de “ainda não é suficiente” me acompanhe sempre. O que sei é que, enquanto houver memórias como a minha se repetindo em tantas casas, barracos, moradas humildes espalhadas pelo país, o trabalho de lembrar e problematizar continuará sendo, também, um ato ético de sobrevivência, docência, insurgência.

Em suma, termino aqui realçando que esse recorte, dito como suspiro e denúncia, corresponde a um dos marcos constitucionais da

minha contemporânea identidade, a que hoje se ornamenta colorida por leques, sol no peito e inúmeros rabiscos na derme, como pinturas rupestres que, primárias ao verbo, retratam elementos da realidade física e abstrata, autêntica por sólidos discursos e atitudes, curiosa e insistente entre sorrisos, caras e bocas, retrato de uma amada casca dissidente, melhor vestida, limpa, nutrida, inteiramente com a cabeça erguida, que, a espectadores desatentos e distantes, pareço, talvez, nunca ter conhecido a brava e áspera terra seca, pelos meus pés descalços, pelo pouco, pela fome de crescimento, de comida e de mundo, pela sede da abundância negada ao nascer e reivindicada pelos números que me dão sentido e me fazem sentir, enquanto vivo e danço entre as salas de aula que decido entrar, com quadros cheios e discursos, pelos bailes da noite, ao som de rock, forró, sertanejo e funk, nos bares pacatos e pouco iluminados, alcoólicos e rodeados por queridas e queridos agregados aos itinerários formativos de uma vida, nas cidades em que decido ficar, até que novos códigos de endereços postais se mostrem mais frutíferos ao meu existir, no vasto mundo que ousou conquistar.

Pois sou pássaro, sou gavião, sou um menino que ousou sobreviver e superar, enquanto também ousou inspirar, ensinar e transformar, como professor de Matemática que faz sua profissão com números e letras, letras que são incógnitas, que formam expressões algébricas e também poesia, palavras e discursos, que transformam vidas, como a minha e a de outros e outras, como a de quem talvez precise, assim como eu precisei, de um empurrão, de um véu rasgado pela ética docente transformadora, pela educação, e da certeza de que posso, devo e preciso gritar, arriscar, enfrentar, contornar e continuar, na disputa da vida, significar mais

motivos para sorriso do que para choro, ou que o choro, inundado por lágrimas, corresponda à força necessária para seguir de pé, melhor do que ontem, maior do que antes, hoje crescente, mas menor do que poderei ser amanhã.

Imagens 1 e 2: Uma família que aprendeu, desde os anos iniciais da vida, a alcançar o sustento básico com pouco e, de todo o muito, compartilhar afeto e amor, e ousar sorrir para o mundo. Aqui, mesmo com as incertezas da vida, uma vida que tanto nos perpassou sem piedade, já sabíamos que tínhamos mais motivos para sorrir do que para chorar, pois tínhamos uns aos outros. Aqui, antes de Lolo nascer, a quarta irmã, éramos apenas minha Mainha, Piti, Isa e eu, o Jhonin, como carinhosamente nos reconhecíamos.

